



## 61ª ASSEMBLEIA GERAL

*Aparecida – SP, 10 a 19 de abril de 2024*

### I. Introdução

Agradecido pelo convite que me dirigiram, quero saudar-vos com as mesmas palavras de estima e apreço que o Papa Francisco dirigiu ao Episcopado Brasileiro no Arcebispado do Rio de Janeiro a 27 [vinte e sete] de julho de 2013 [dois mil e treze], por ocasião da Jornada Mundial da Juventude; palavras, que muitos de vós puderam ouvir pessoalmente:

«Os Bispos de Roma tiveram sempre o Brasil e a sua Igreja em seu coração. Um maravilhoso percurso foi realizado [...] hoje queria agradecer o trabalho sem parcimônia de vocês, Pastores, em suas Igrejas. Penso nos Bispos nas florestas, subindo e descendo os rios, nas regiões semiáridas, no Pantanal, na pampa, nas selvas urbanas das megalópoles. Amem sempre, com total dedicação, o seu rebanho! Mas penso também em tantos nomes e tantas faces, que deixaram marcas indeléveis no caminho da Igreja no Brasil, fazendo palpar com a mão a grande bondade de Deus por esta Igreja. Os Bispos de Roma nunca lhes deixaram sós; seguiram de perto, encorajaram, acompanharam»<sup>1</sup>.

Por isso trago-vos a saudação do Santo Padre e a sua bênção especial para estes dias de retiro, que me preparo para viver convosco como um modo simples, mas tangível, da proximidade que a Sé Apostólica deseja demonstrar ao Episcopado Brasileiro e a toda a Igreja Católica do Brasil, neste momento particular do itinerário sinodal.

### As três diretrizes oferecidas pelo Papa

No momento inicial do percurso sinodal, o Papa Francisco disse que “as palavras-chave do Sínodo são três: *comunhão, participação, missão*”<sup>2</sup>. Estes termos, indicados pelo Papa para o caminho futuro da Igreja, demonstram certamente a sua natureza sinodal, mas constituem também a sua realidade mais profunda, porque de algum modo revelam a sua origem transcendente. De fato, em última instância, estão radicados em Deus. Em outras palavras, não esgotam a sua função a um nível puramente eclesiológico, já que têm

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO, *Encontro com o Episcopado brasileiro*. 27 de julho de 2013.

<sup>2</sup> PAPA FRANCISCO. *Discurso durante o Momento de reflexão no início do percurso sinodal*. 09 de outubro de 2021. Link: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>





uma ligação mais profunda com o nível teológico ou, mais precisamente, trinitário. Com efeito os termos *comunhão*, *participação* e *missão* são muito apropriados para exprimir algo do próprio mistério de Deus.

Creemos que as Três Pessoas Divinas Se relacionam entre Si em perfeita *comunhão*; depois professamos que o Pai, o Filho e o Espírito *participam* da mesma natureza divina; por fim, afirmamos que o Filho, enviado pelo Pai ao mundo, vive a sua *missão* na Encarnação, e o Espírito, enviado em Pentecostes, cumpre a própria *missão* na vida de Igreja<sup>3</sup>. Portanto, se '*comunhão*, *participação* e *missão*' expressam algo da natureza da Igreja, revelam também, em última análise, algumas peculiaridades da Santíssima Trindade. De fato, como diz Agostinho, a Igreja "peregrina na terra, está fundada no céu"<sup>4</sup>: evidentemente é constituída por homens e mulheres, mas o seu fundamento está na própria vida divina. Com efeito, a modalidade com que a Igreja vive e atua na história revela, de algum modo, os traços próprios da eternidade de Deus. Assim, por um lado, *comunhão*, *participação* e *missão* acompanham e sustentam a Igreja na sua dimensão imanente, mas, por outro, são inerentes à transcendência e à eternidade divinas. Tertuliano, com uma linguagem muito concreta, chega mesmo a afirmar que a Igreja é "o corpo das Três" pessoas divinas<sup>5</sup>; por conseguinte, a Igreja sinodal é uma das manifestações mais imediatas, embora limitadas e muito frágeis, do Rosto de Deus.

"Sinodalidade é palavra que brota da própria vida do Deus Uno e Trino, que vive uma *comunhão* interpessoal infinita e é sujeito das *missões* salvíficas da Encarnação e de Pentecostes, matrizes santas do povo de Deus"<sup>6</sup>.

Assim as próximas reflexões não terão como objetivo fornecer sugestões metodológicas sobre o itinerário sinodal, nem intuir quais hão de ser os próximos passos deste caminho da Igreja universal. Mas sim contemplar em silêncio e saborear nas profundezas do nosso espírito a beleza da Igreja sinodal, como manifestação da própria vida trinitária na atribulada história atual. Com efeito a Igreja, concebida independentemente de Cristo, perde todo o seu significado, perde a sua própria identidade. Provavelmente poderão ajudar-nos, como um alerta, as palavras do então Cardeal Ratzinger:

<sup>3</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, Cidade do Vaticano: LEV, 1992. n. 257.

<sup>4</sup> "*in terra peregrina, in coelo fundata est*". AGOSTINHO, *Sermão* 105, 7.9.

<sup>5</sup> "*ecclesia quae trium corpus est*". TERTULIANO, *Sobre o Batismo*, 6.

<sup>6</sup> MASCIARELLI, M. G. *Le radici del Concilio. Per una teologia della sinodalità*. Bolonha: EDB, 2018. p. 37.





“Em alguma medida – assim se pensa – deve sempre haver uma atividade eclesial, deve-se sempre falar da Igreja ou fazer alguma coisa por ela ou nela. Mas um espelho que reflete só a si mesmo não é mais um espelho; uma janela que, em vez de permitir um olhar livre para o horizonte, se coloca como um obstáculo entre o observador e o mundo, não tem sentido”<sup>7</sup>.

Contemplaremos a Igreja como uma realidade intimamente ligada a Cristo, de Quem depende vitalmente. Ela é ou deveria ser espelho do amor de Cristo, reflexo do seu esplendor. Por isso, nestes dias de retiro, poderíamos fazer nossa a intenção do Concílio, expressa nas primeiras palavras da *Lumen gentium*: “A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a sua Luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens” (n. 1).

Portanto, olharemos para a *comunhão*, a *participação* e a *missão* como se fossem três raios desta luz de Cristo que ilumina o rosto da Igreja; e fá-lo-emos concentrando-nos detalhadamente no texto de três metáforas do Novo Testamento que ilustram a sua beleza: o corpo, a casa e a árvore.<sup>8</sup> Por fim, para evitar o risco de uma certa abstração, procurarei também propor, para cada uma delas, um comportamento concreto a assumir, que poderíamos definir como “sinodal”.

Todavia, antes de passarmos à contemplação de cada palavra-chave, penso que seria útil deter-nos um pouco no comportamento fundamental onde queremos situar o que vamos dizer, ou seja, no amor. Realidade “maior de todas”, como diz São Paulo (1Cor 13, 13). Se a Igreja é ou deverá ser espelho do amor de Cristo, a contemplação e a oração destes dias têm como objetivo explícito ajudar-nos a olhar as Igrejas diocesanas das quais são pastores e a Igreja universal inteira precisamente com os olhos do amor.

<sup>7</sup> RATZINGER, J. “*Una compagna sempre riformanda*”, Conferência em Rimini, 1990. Citado em: SEEWALD, P. *Benedetto XVI. Una vita*. Milão: Garzanti, 2020. p. 787.

<sup>8</sup> Cf. MARTIN, A. “Tre immagini bibliche ‘sinodali’. L’edificio (Ef 2, 19-22), il corpo (1Cor 12, 12-30) e l’albero (Mt 13, 31-32)”, in: *Annales Theologici* 36 (2022), pp. 319-335.

